

O ENCONTRO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Em uma nova individual, o paraibano José Rufino parece perguntar: a arte é capaz de recuperar o que se tornou obsoleto?

Thais Rivitti

Vencedor do Prêmio Bravo! Bradesco Prime de Cultura deste ano, na categoria melhor exposição, o artista paraibano José Rufino apresenta uma nova individual, intitulada *Aenigma*, na galeria Millan, em São Paulo. Entre as já conhecidas esculturas com objetos antigos – uma mala de madeira, máquinas de escrever e livros –, ele exhibe quatro pinturas de grandes dimensões, uma novidade em sua produção, e um conjunto de seis vitrines de madeira e vidro, que abrigam miniaturas de móveis e outras peças. Essas caixas diminutas permitem que o artista tenha um maior controle sobre o espaço disponível entre os objetos em seu interior.

Na mostra, que soma ao todo 17 trabalhos, os mesmos símbolos aparecem espalhados pelo chão da galeria, nas vitrines construídas por Rufino e nas telas. A possibilidade de transitar entre os meios – o espaço reduzido da maquete, a representação bidimensional da pintura e o mundo real – é o ponto alto do austero conjunto de obras. É como se o artista quisesse nos reforçar a ideia de que, ao menos na memória, as coisas podem ser infinitamente reconfiguradas e dispostas.

FOICE, GARFO, MACHADO

A memória – aliás, um dos temas mais recorrentes em boa parte da produção artística contemporânea – surge em Rufino também como uma maneira de tornar presente o que já morreu, de dar outra vida a imagens habitualmente relegadas a tempos passados. Em um dos quadros da exposição, lê-se um trecho de um romance ainda não publicado, escrito pelo próprio artista, que fala sobre a passagem do tempo. Ou, mais precisamente, sobre a possibilidade de uma espécie de sincronia temporal: o encontro entre o passado, o presente e, quem sabe, até o futuro. A obra de Rufino parece de fato querer colocar em contato temporalidades diversas.

Essa fusão, no entanto, não se dá sem prejuízos. E o artista deixa isso claro. A foice, o garfo, a pá e o machado, entre outros materiais “agressivos”, estão por todos os lados, atravessando os objetos antigos. A tinta escorrida confere às pinturas certa dramaticidade. A pergunta que fica é: que tipo de vida pode ser resgatada pela memória, ou mesmo pela arte? Seria a arte capaz de recuperar tudo aquilo que se tornou obsoleto?

Rivitti, Thais. O encontro entre passado, presente e futuro. Revista Bravo!, Crítica., n. 160, p. 64, dezembro de 2010, São Paulo, Editora Abril.